

Pessoas LGBTQIA+ e a Percepção da Linguagem Como Ferramenta Antidiscriminatória e de Autoafirmação Identitária¹

Leandro Correa dos Santos²

Adinan Nogueira³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RESUMO

O Brasil é um país dotado de uma enorme pluralidade de grupos, indivíduos e culturas mas, em contrapartida, é um dos piores países para se viver sendo lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, queer, intersexual e mais (LGBTQIA+), sendo o país que mais mata essa população no mundo, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2021, foram contabilizados 140 assassinatos de pessoas transexuais e travestis, sendo que desses assassinatos, 96% foram de pessoas que expressavam, no âmbito social, o gênero feminino e, ao mesmo tempo, o Brasil também é o país que mais consome conteúdo pornográfico produzido a partir dos corpos de pessoas transexuais e travestis. A violência que a população LGBTQIA+ enfrenta no Brasil é um fato, e com isso, faz-se mais que necessário buscar cada vez mais compreender como a luta de corpos marginalizados, neste caso de pessoas LGBTQIA+, por segurança, igualdade e principalmente dignidade, acontece de maneira muito lenta ou quase nula, sempre em busca por fissuras e pequenos espaços que despertam alguma chance de inserção nas diversas camadas da sociedade, já que estão quase sempre presentes apenas nas margens, e como a autoafirmação identitária através da ressignificação de palavras, termos e do uso da linguagem propriamente dita, colaboram enquanto ferramentas para combater a discriminação que impacta diretamente nos âmbitos emocional, político e social da existência desses corpos. O entendimento sobre o atual momento político que o país vive é parte fundamental para analisar a violência que essa população sofre, uma vez que, o

¹ Trabalho apresentado na II07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

² Estudante de graduação em publicidade e propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

³ Formado em publicidade e propaganda (FAAP), com pós-graduação em gestão estratégica de marketing pela PUC Minas, e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Lusófona (Portugal).

Brasil enquanto sociedade de cultura patriarcal tende a considerar fraco e sem credibilidade tudo aquilo que expressa traços femininos e, na língua não é diferente. A partir desta contextualização, foi estabelecida a seguinte pergunta para a pesquisa: “Como o uso dos pronomes corretos e da linguagem contribuem como ferramentas antidiscriminatórias e de autoafirmação identitária de gênero para pessoas LGBTQIA+ e quais as suas causas e efeitos na vida dessa população?” Em seguida, partindo da pergunta de pesquisa e de uma ampla leitura sobre o tema, foram estabelecidas as seguintes hipóteses: 1) a linguagem neutra de gênero não é, necessariamente, a principal ou mais importante ferramenta de autoafirmação identitária de gênero para pessoas transexuais; 2) a modificação corporal é um fator importante para mulheres e homens transexuais buscarem se encaixar no estereótipo binário de gênero que faz parte da cultura do Brasil e do mundo, mas isso não anula a sua identidade *queer*; e 3) a identidade de gênero, propriamente dita, é mais importante que a linguagem neutra de gênero, mas a expressão de gênero, conseqüentemente, reflete na linguagem, se tornando uma ferramenta antidiscriminatória e de reafirmação. O objetivo principal deste projeto de pesquisa é compreender a emoção de pessoas LGBTQIA+, neste recorte específico, de pessoas transexuais e travestis, diante do uso de tratamentos pessoais enquanto ferramentas antidiscriminatórias e de autoafirmação identitária de gênero, em seguida foram traçados também alguns objetivos específicos que serão apresentados a seguir: 1) compreender a construção do estereótipo binário de gênero no Brasil para entender a sua contribuição na marginalização da população LGBTQIA+; e 2) analisar elementos que legitimam a linguagem inclusiva e não sexista para entender como isso pode impactar diretamente na vida da população transexual. A metodologia que foi traçada para a realização desta pesquisa possui natureza explicativa com fases qualitativa e quantitativa, buscando a compreensão sobre as causas e os efeitos do uso de pronomes, da linguagem e de termos utilizados para se referir a pessoas LGBTQIA+, depois de uma ampla pesquisa bibliográfica para levantamento de conceitos e teorias relevantes que podem ser relacionadas diretamente à pessoas LGBTQIA+ enquanto minoria social, busca-se compreender, emocionalmente, a vivência do recorte transexual e travesti no Brasil. A primeira parte da pesquisa é caracterizada pelo modelo qualitativo, que consiste na elaboração de um roteiro para que sejam entrevistadas dez (10) pessoas transexuais e/ou travestis com o objetivo de coletar dados para embasar a análise de como,

emocionalmente e politicamente, os tratamentos utilizados ao se referir a essas pessoas podem afetar a sua identidade. A segunda fase da pesquisa, de natureza quantitativa, tem como objetivo analisar as respostas das entrevistas realizadas na fase anterior para o desenvolvimento de um questionário que será disponibilizado através de uma plataforma on-line à toda população LGBTQIA+ que se sinta confortável em participar, para ampliar a quantidade e qualidade de dados para que seja possível uma análise mais detalhada sobre a importância do uso de neologismos como ferramentas de inclusão social para que, posteriormente, seja produzido um artigo. Além disso, é necessário que este projeto de pesquisa seja submetido ao Conselho de Ética na Plataforma Brasil com o objetivo de obter anuência do Comitê de Ética para a elaboração das entrevistas e questionários de pesquisa destinados ao recorte específico como mencionado anteriormente. É sabido que o Brasil é o país que mais mata a população LGBTQIA+ no mundo e, por isso, se faz tão necessário compreender porque essa violência está tão presente na realidade dessas pessoas e ao que ela está vinculada e, para isso, foram selecionadas algumas teorias e conceitos a serem usados para esta análise. Derald Wing Sue, professor de psicologia na Universidade de Columbia, levanta o conceito de microagressões raciais que podem ser agressões verbais, não-verbais e visuais contra algum grupo minoritário e, tais agressões podem existir em três diferentes níveis: micro-insultos, micro-assaltos e micro-invalidações, todas essas presentes na vida de pessoas transexuais no Brasil. O conceito de microagressão pode ser utilizado para buscar entender a origem da violência contra a população transexual e travesti no Brasil, uma vez que o sujeito intolerante pode ou não ter ciência da prática de crimes como homofobia e transfobia, contribuindo assim com os diferentes níveis de violência e, conseqüentemente, assassinato desses corpos. Segundo Sue: "De maneira simplificada, as microagressões são atitudes breves e cotidianas que difamam pessoas de cor que pertencem a um grupo minoritário racial", e ainda: "Microagressões são muitas vezes entregues inconscientemente na forma de sutis olhares, gestos e tons desdenhosos". (SUE, 2007, p. 273)⁴. A Teoria *Queer* de Judith Butler tem como um de seus objetivos, denunciar práticas sexistas e machistas acometidas por uma sociedade com ideal binário de gênero através da manifestação das diferenças analisadas por conceitos feministas e através da resignificação do termo *queer* que, segundo Butler: "Surge como uma interpelação que discute a questão da força e da oposição, da

⁴ Traduzido pelo autor.

estabilidade e da variabilidade no seio da performatividade. Esse termo tem operado como uma prática linguística cujo propósito tem sido o da degradação do sujeito a que se refere, ou melhor, a constituição desse sujeito mediante esse apelativo degradante. *Queer* adquire todo seu poder precariamente através da evocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 318)⁵. A resignificação de termos linguísticos faz parte da necessidade política de autoafirmação de corpos marginalizados e, por isso, acaba fazendo parte da vida de, por exemplo, pessoas transexuais ao se auto denominarem travestis como uma posição política, ou pessoas não-binárias ao adotarem a linguagem neutra de gênero em sua comunicação. Muito se fala sobre fatos sociais como maneiras de agir, pensar e sentir, que são exteriores ao indivíduo e que carrega consigo o poder de reprimir a partir de uma ideologia imposta por um sistema, sendo assim, então, responsável pela criação de uma sociedade cada vez mais intolerante? Durkheim explica que o fato social é toda maneira de agir suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior e, por isso então, o uso correto de pronomes, palavras e de uma comunicação não sexista seria, teoricamente, capaz de reduzir os danos sofridos pela população LGBTQIA+ de maneira a assumir uma posição de ferramenta de combate a discriminação e de autoafirmação do gênero social.

PALAVRAS-CHAVE: ferramentas antidiscriminatórias; gênero; representatividade LGBTQIA+; transexualidade.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. ANTRA, Distrito Drag, p. 30-48, 29 jan. 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>, Acesso em: 06 de Abril de 2022

BENEVIDES, Bruna G. **O BRASIL NÃO É PAÍS QUE MAIS MATA PESSOAS TRANS DO MUNDO?**. ANTRA, ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 28 ago. 2018. Direitos e Política, Notas e Ofícios. Disponível em:

⁵ Traduzido pelo autor.

<https://antrabrazil.org/2018/08/28/o-brasil-nao-e-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-do-mundo/>, Acesso em: 07 de Abril de 2022.

BUTLER, Judith, **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**, 1ª ed, Buenos Aires, Paidós 2002. Disponível em: <https://redde.salud.org/apc-aa-files/1342d291dfef7a4d531a2a778bc9da8e/butler-judith-cuerpos-que-importan.pdf>, Acesso em: 11 de Abril de 2022.

CAMPELLO, LIVIA GAIGHER BÓRIO. **CULTURA E MULTICULTURALISMO: IDENTIDADE LGBT, TRANSEXUAIS E QUESTÕES DE GÊNERO**. Revista Jurídica, [S. l.], v. 01, 2017. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/viewFile/2003/1284>, Acesso em: 11 de Abril de 2022.

COELHO, F. (2014). **Conceitos “cultura” e “representação”: contribuições para os estudos históricos**. *Fronteiras*, 16(28), 87–99. Recuperado de <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/4544>

COVAS, Fabíola Sucasas Negrão; BERGAMINI, Lucas Martins. **Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+**. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], n. 54892, 1 jun. 2021.

DURKHEIM, E. **"O que é fato social?" In: As Regras do Método Sociológico**. Trad. por Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6.a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972. p. 1-4, 5, 8-11. Disponível em: [https://portal.toledoprudente.edu.br/upload/usuarios/3414/aulas/O%20Que%20%C3%A9%20Fato%20Social%20\(%C3%89mile%20Durkheim\)\[1\].pdf](https://portal.toledoprudente.edu.br/upload/usuarios/3414/aulas/O%20Que%20%C3%A9%20Fato%20Social%20(%C3%89mile%20Durkheim)[1].pdf), Acesso em: 10 de Abril de 2022.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **A teoria queer e a Reinvenção do corpo**. dez, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/G6SYh9s6JvVSKkYgYsm85xq/?lang=pt&format=html>,

Acesso em: 11 de Abril de 2022.

SANTOS, Ariel Dorneles Dos; DUQUE, Tiago. **“EU GOSTO MESMO É DAS BIXAS”**: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE AO SOM DE LINN DA QUEBRADA. Revista Docência e Cibercultura, 1 jun, 2019.

SILVA, João Paulo da. **O corpo político de Linn da Quebrada**. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, 8 dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/39180/25315>, Acesso em: 11 de Abril de 2022.

SUE, Derald Wing; CAPODILUPO, Christina M.; TORINO, Gina C.; BUCCERI, Jennifer M.; HOLDER, Aisha M. B.; NADAL, Kevin L.; ESQUILIN, Marta. **Racial Microaggressions in Everyday Life: Implications for Clinical Practice**. American Psychological Association, v. 62, ed. 04, jun, 2007.